

ALEXANDRA MESQUITA MAGALHÃES
JOSÉ DANTAS LIMA PEREIRA
MARCELINO DE SOUSA LOPES
(Coordenadores)

A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E A EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

NO CONTEXTO DO ENVELHECIMENTO NO MEIO RURAL E URBANO: ATIVIDADES, TÉCNICAS, MÉTODOS E ESTRATÉGIAS PARA UMA VIDA ATIVA

INTERVENÇÃO



Alexandra Mesquita Magalhães
José Dantas Lima Pereira
Marcelino de Sousa Lopes
(Coordenadores)

A Animação Sociocultural e a Educação Intergeracional

no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano:
atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa

Edição

INTERVENÇÃO - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural / Chaves

Ficha Técnica

Título

A Animação Sociocultural e a Educação Intergeracional
no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano:
atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa

Autores

Alexandra Mesquita Magalhães, José Dantas Lima Pereira, Marcelino de Sousa Lopes
(Coordenadores)

Capa

Ricardo Alves

Tradução de Textos

Rui Fonte

Revisão e Supervisão de Textos
Fernanda Maria Barros da Cunha

Apoio à Edição

Franclim Castro e Sousa

Apoio Gráfico e Composição

Fernando DC Ribeiro

Impressão

Gráfica Sinal - Chaves

Local e data de Edição

Chaves, outubro de 2018

Editor

INTERVENÇÃO - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural / Chaves

ISBN

978-989-99835-2-6

Depósito Legal

446752/18

1ª Edição

Outubro, 2018

Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte,
por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outras,
sem prévia autorização escrita do editor.

Índice

	Pág.
Prefácio	
José Rodrigues Paredes - <i>Presidente da Câmara Municipal de Alijó</i>	7
Introdução	9
Arbitragem Científica	11
CAPÍTULO I	
DESAFIOS, PROBLEMAS E DILEMAS DO ENVELHECIMENTO NO SÉC. XXI	
José Angel López Herrerías <i>Gerontologia, gerontes e uma pedagogia dos sábios da vida</i>	15
Fernando Ilídio Ferreira <i>O Idadismo: discriminação etária e possibilidades transformadoras da educação intergeracional</i>	23
Jacinto Jardim <i>A Educação para o empreendedorismo social e o contexto da animação sócio-cultural de idosos</i>	33
Manuel Francisco Vieites <i>Teatro e memória: aspetos empíricos, metodológicos e teóricos</i>	41
Rui Proença Garcia, Paulo Portugal <i>As Mãos: um ensaio sobre as mãos do idoso</i>	51
Victor J. Ventosa Pérez <i>Neuroanimação e Envelhecimento</i>	59
CAPÍTULO II	
ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL, GERONTOLOGIA E INTERVENÇÃO EDUCATIVA	
Ernesto Candeias Martins <i>A Intergeneracionalidade numa sociedade para todas as idades: Ações de animação sociocultural e desafios educativos</i>	69
Lucília Salgado <i>Da perspetiva da formação universitária para a animação sociocultural na terceira idade</i>	77
Maria da Conceição Pinto Antunes, Bárbara Gomes <i>O contributo da educação/ intervenção comunitária na promoção da sustentabilidade do envelhecimento bem-sucedido</i>	83
Sofia Bergano <i>Educação de adultos seniores e construção de (novas) narrativas sobre envelhecimento</i>	93
Teresa Martins <i>“Aprender ao longo da vida – a educação enquanto direito humano fundamental”</i>	101
CAPÍTULO III	
ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL, EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL E INTERVENÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA NOS IDOSOS	
Albino Luis Nunes Viveiros <i>O envelhecimento enquanto tempo social, a educação intergeracional como projeto comunitário e as expressões artísticas: uma visão global sustentada na animação sociocultural</i>	113
António Leal <i>O contributo da animação socioeducativa na reconfiguração das representações sociais entre jovens e velhos</i>	123
Isabel Querido de Sá <i>Musicoterapia... despertares</i>	135
Maria Raquel Patrício <i>Educação intergeracional no contexto sociocultural – contributos para um bom envelhecer</i>	141
Nídia Marta Gonçalves <i>Artes e gerontologia: a prática teatral nas pessoas com demência</i>	149

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL - CONTRIBUTOS PARA UM BOM ENVELHECER

Maria Raquel Patrício
Instituto Politécnico de Bragança

Resumo

O objetivo desta comunicação é considerar a educação intergeracional no contexto sociocultural com tecnologias e como isso pode contribuir para um envelhecimento com sucesso. Explora-se o impacto das relações socioculturais em condições de aprendizagem informal e não formal ao longo da vida com tecnologias digitais da sociedade do conhecimento. Enfatiza-se a necessidade de novas oportunidades de convivência sociocultural em meio rural e urbano promotoras de dinâmicas intergeracionais que respondam aos desafios atuais e futuros da sociedade global. Finalizamos com algumas estratégias de educação intergeracional, fazendo as pontes entre o passado e o presente, o rural e o urbano, o real e o virtual, e de que forma podemos influenciar o futuro para um bom envelhecer.

Introdução

O envelhecimento da população é um fenómeno global em expansão que tem vindo a suscitar preocupações constantes a nível económico, político e social. O envelhecimento é um processo normal e universal (Fernandes, 2005), complexo, evolutivo e coletivo, mas individual que varia de pessoa para pessoa, que ocorre ao longo da vida e é influenciado por alterações biológicas, psíquicas e sociais naturais e progressivas (Zimmerman, 2000; Oliveira, 2008) que, de forma singular, vão surgindo, em cada ser humano de acordo com as suas características genéticas e o seu modo de vida. A relação entre estes aspetos é considerada fundamental para categorizar um indivíduo como velho ou não. De acordo com a Organização Mundial de Saúde e a Organização das Nações Unidas, nos países desenvolvidos, a pessoa a partir dos 65 anos é geralmente considerada idosa (Oliveira, 2008; Neri, 2001; Paschoal, 2000). Especialistas no estudo do envelhecimento identificam três grupos de pessoas mais velhas: os idosos (de 65 a 74 anos), os idosos velhos (de 75 a 84 anos) e os idosos mais velhos (de 85 anos ou mais) (Papalia, Olds & Feldman, 2006). Atualmente, a categorização da pessoa idosa numa única faixa etária é inadequada dada a sua diversidade. Todavia, no âmbito do presente artigo, as pessoas com 65 anos ou mais são consideradas idosas.

As alterações demográficas impõem importantes desafios à sociedade do século XXI, nomeadamente no desenvolvimento de políticas e práticas a favor de um envelhecimento ativo. A este respeito, a Comissão Europeia tem vindo a implementar um conjunto de medidas mobilizadoras do potencial das pessoas de todas as idades, como a aprendizagem ao longo da vida, o prolongamento da vida ativa, o adiamento da idade de reforma, a continuidade de uma vida ativa na aposentação e o desenvolvimento de atividades que otimizem a saúde e o bem-estar de cada pessoa (Comissão das Comunidades Europeias, 2002). Também a Organização das Nações Unidas reforça as potencialidades das pessoas idosas (competências, experiência e sabedoria) para o desenvolvimento futuro (United Nations, 2002), bem como a promoção da educação permanente, o acesso às tecnologias de informação e a importância de incentivar a solidariedade intergeracional e o envelhecimento ativo (United Nations, 2008).

Num mundo em rápida evolução e transformação digital, globalizado e interligado, é necessário reforçar o investimento na educação e apoiar o desenvolvimento de novas competências, pertinentes e necessárias para a vida e o trabalho numa sociedade digital. As competências essenciais são uma combinação de conhecimentos, aptidões e atitudes para a aprendizagem ao longo da vida, incluindo as competências digitais. Estas são hoje em dia tão importantes como a literacia e a numeracia. Porém, 44% da população da União Europeia têm poucas (19%) ou nenhuma competências digitais (Comissão Europeia, 2017a) e, em 2017, 17% dos europeus nunca tinham usado a Internet (EUROSTART, 2018). Neste sentido, o Parlamento Europeu e o Conselho apresentaram, em janeiro de 2018, uma nova proposta para as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida que visa melhorar o desenvolvimento das competências fundamentais para todas as pessoas ao longo da vida e promover as medidas necessárias para as atingir (Comissão Europeia, 2018a). Esta nova proposta substitui a Recomendação sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida, adotada pelo Parlamento Europeu e o Conselho em 2006 (Comissão das Comunidades Europeias, 2006). A recomendação proposta no seu Quadro de Referência estabelece oito competências essenciais:

- 1) Competências de literacia;
- 2) Competências linguísticas;
- 3) Competências matemáticas e no domínio das ciências, da tecnologia e da engenharia;
- 4) Competências digitais;
- 5) Competências pessoais, sociais e de aprendizagem;
- 6) Competências cívicas;
- 7) Competências empresariais;
- 8) Competências de sensibilidade e expressão culturais.

Estas competências essenciais são todas igualmente importantes, sobrepõem-se e articulam-se, para cada uma delas contribuir para uma vida bem-sucedida na sociedade. Aspeto que está relacionado com o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento de competências de aprendizagem e cívicas (OCDE, 2015). Esta recomendação vai mais longe e, com base na Comunicação da Comissão “Criação de um Pilar Europeu dos Direitos Sociais” (Comissão Europeia, 2017b), apoia a aplicação do primeiro princípio do Pilar Europeu dos Direitos Sociais que estabelece o direito a uma educação inclusiva e de qualidade, a formação e a aprendizagem ao longo da vida, sublinhando que “todas as pessoas têm direito a uma educação inclusiva e de qualidade, a formação e a aprendizagem ao longo da vida, a fim de manter e adquirir competências que lhes permitam participar plenamente na sociedade e gerir com êxito as transições no mercado de trabalho” (Comissão Europeia, 2018b).

Investir nas competências essenciais tornou-se mais importante do que nunca devido à necessidade de responder à evolução da sociedade e da economia, que está a tornar-se cada vez mais envelhecida, móvel e digital. Por conseguinte, as competências cívicas, sociais e de expressão cultural desempenham igualmente um papel relevante para garantir a coesão social e a integração sociocultural dos jovens e idosos.

Educação intergeracional no contexto sociocultural

O ritmo acelerado da sociedade atual tem criado obstáculos, que se aprofundam na falta de tempo, nas relações familiares, sociais e culturais. O envelhecimento da sociedade tem vindo a agravar as relações intergeracionais e socioculturais. Neste sentido, é imperativo capacitar as diferentes gerações para a solidariedade, a cooperação, a participação e a valorização das potencialidades de cada indivíduo para o bem pessoal e coletivo. A vivência em comunidade e as redes sociais e familiares significativas são fatores determinantes para um envelhecimento bem-sucedido.

A educação intergeracional, enquanto processo permanente de transferência de conhecimentos, habilidades, competências, normas e valores entre gerações (Hoff, 2007), que se reúnem com o intuito

de partilhar e aprender (Boström, 2003), pode otimizar as possibilidades de envelhecimento ativo nas comunidades, promover as relações intergeracionais (Mannion, 2012) e contribuir para alcançar os objetivos da aprendizagem ao longo da vida (Hatton-Yeo & Ohsako (2000). A educação intergeracional fundamenta-se na educação ao longo da vida (Boström, 2014; Cabanillas, 2011; Brink, 2017) e, dada a sua abrangência, desenvolve-se nos mais variados contextos, quer na família, no trabalho, na comunidade, na educação de adultos (Formosa, Karsovec & Schmidt-Hertha, 2014), nas escolas e universidades, nos centros de dia, nas associações (Kaplan, 2001) ou nos locais livres e públicos (O'Neil, 2016).

Portanto, a educação intergeracional é uma poderosa ferramenta para responder às mudanças sociais e ao envelhecimento demográfico. As práticas educativas intergeracionais desenvolvidas em contextos socioculturais ricos e dinâmicos vislumbram-se favoráveis à aprendizagem entre gerações, à promoção das relações intergeracionais e à criação de uma sociedade para todas as idades. E, como afirma Watts (2017) as práticas intergeracionais deviam ser mais abrangentes, fomentando a cidadania e a solidariedade intergeracional.

As Nações Unidas enquanto impulsionadora de políticas promotoras do diálogo entre gerações, tem incentivado a aposta em programas intergeracionais como instrumentos para a inclusão social e desenvolvimento da comunidade (United Nations, 2007). Estes programas visam combater o idadismo, promover a inclusão e a valorização dos mais velhos na sociedade, a transmissão de conhecimentos, experiências, habilidades e valores através da educação informal e não formal, contribuindo para a educação ao longo da vida.

Neste sentido, consideramos que uma abordagem intergeracional implica um conjunto de práticas estruturadas e organizadas que promovam experiências de caráter social, cultural, educativo e lúdico, enriquecedoras e integradoras das pessoas em atividades coletivas, onde a animação poderá ter um papel estimulante. De acordo com Quintas & Castaño (1998), a animação é uma atividade interdisciplinar e intergeracional que abrange as mais diversas áreas e que influi na vida do indivíduo e do grupo.

A propósito da animação comunitária, Marcelino Lopes refere que “é um âmbito da animação sociocultural que assenta a sua estratégia na promoção e apoio a organizações de base empenhadas no desenvolvimento comunitário com a preocupação central de fortalecer o tecido social, mediante a participação individual e coletiva” (Lopes, 2006: 372). Este autor descreve a animação socioeducativa como “um trabalho específico, fora do contexto escolar institucional, contribuindo para o seu desenvolvimento bio-psico-social através de atividades em que seja feito apelo à criatividade, afirmação pessoal e inserção na realidade próxima” (Lopes, 2006: 385).

Concordando com especialistas na área (Osório, 1997; Lopes, 2006; Fernandes, 2008; Lopes & Pereira, 2009), a animação sociocultural visa a integração e participação voluntária, autónoma e implicada do indivíduo em atividades valorizadoras de si e da comunidade que o rodeia.

Tecnologias digitais e animação sociocultural

As tecnologias digitais têm um papel determinante na sociedade, tornando-se parte integrante do dia-a-dia de todos os cidadãos e a literacia digital é uma das competências fundamentais do século XXI. A globalização e as mudanças tecnológicas e sociais exigem que todas as pessoas possuam competências ajustadas a um mundo em evolução permanente, nomeadamente as competências essenciais para uma aprendizagem ao longo da vida. Destas, destacamos, em particular, as digitais pelas vantagens relacionadas com a vida independente e saudável, o envelhecimento ativo, a inclusão social e o exercício de uma cidadania plena.

A literacia digital intergeracional pode desempenhar um papel decisivo na adaptação dos mais velhos à sociedade digital. O documento ‘ICT for Seniors and Intergeracional Learning’ refere que o

uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é um meio privilegiado de aprendizagem enquanto criação de benefícios entre diferentes gerações, unindo jovens e idosos a enfrentar o fosso digital (European Commission, 2012).

O Ano Europeu 2012 evidenciou os benefícios do envelhecimento ativo e da solidariedade entre gerações para a realização dos objetivos sociais e económicos. De igual modo, o Manifesto para uma União Europeia Amiga das Pessoas Idosas até 2020, faz alusão à inclusão digital, para a participação integral de todas as pessoas numa sociedade cada vez mais alicerçada nas tecnologias digitais, e ao acesso à aprendizagem intergeracional e ao longo da vida, para a aquisição de novas competências e conhecimentos em qualquer idade (AGE, 2012).

Alguns estudos (Fricke, Marley, Morton & Thomé, 2013; Kaplan, Sanchez, Shelton, & Bradley, 2013; Patrício, 2014) comprovam que a aprendizagem entre gerações tem um importante potencial, pelo que é necessário continuar a investir e a desenvolver programas de aprendizagem ao longo da vida com as TIC em contexto intergeracional, tornando-os mais acessíveis e possibilitando a todas as pessoas a descoberta dos benefícios da utilização das TIC. Neste contexto, Ala-Mutka, Malanowski, Punie & Cabrera (2008) afirmam que é importante estimular os mais idosos para a aprendizagem ao longo da vida e muito em particular para as TIC, uma vez que enquanto cidadãos ativos não contactaram com estas inovações tecnológicas.

Kim & Merriam (2010), enfatizam que a aprendizagem é uma atividade sociocultural porque se situa num contexto social e cultural específico. Desta forma, as tecnologias digitais representam um recurso relevante no desenvolvimento do modo de vida da população mais velha e as mudanças físicas e mentais não representam um entrave a novas aprendizagens. Não obstante, é essencial ter bem presente que a população mais velha é um grupo heterogéneo com motivações, interesses e necessidades específicas.

De facto, é importante proporcionar às pessoas iniciativas e atividades de cariz sociocultural e educativo que integrem a aprendizagem intergeracional e as tecnologias digitais, em meio urbano e em particular no meio rural, não só para eliminar a clivagem entre os que utilizam e os que não utilizam o digital, mas acima de tudo para proporcionar aos idosos e grupos mais vulneráveis uma melhor qualidade de vida, independência, participação ativa na sociedade, comunicação e interação com as suas redes sociais e familiares. Tal como é enfatizado por Batista (2011), os cidadãos mais idosos com competências digitais têm uma nova perspetiva da vida, pois estas competências estimulam novos interesses e aprendizagens, reforçando a autoestima, a autonomia e as relações interpessoais e intergeracionais. Também, Gil (2015), dá especial atenção à aprendizagem através da utilização das TIC como forma de proporcionar um envelhecimento saudável, incrementando a independência da pessoa idosa.

Ultimamente temos assistido à utilização de diversas tecnologias digitais (videojogos, apps, robots antropomórficos inteligentes e sensíveis) para animação e apoio a idosos, com vista a um envelhecimento bem-sucedido. O contributo da inteligência artificial e da aprendizagem autónoma tem sido notório para o desenvolvimento de tecnologias inovadoras com maior interação entre os sistemas físicos e virtuais. Deste modo, é importante proporcionar às pessoas uma formação ao longo da vida adequada às expectativas e às necessidades durante todo o percurso de vida, quer por meios mais formais quer não formais e informais, sendo a animação sociocultural e socioeducativa uma forma de resposta às pessoas idosas. As Universidades Seniores, Câmaras Municipais e alguns projetos com experiências relevantes e inovadoras (Programa Gulbenkian do Desenvolvimento Humano, Projeto TIO, Projeto Net@vó, Projeto Clique sem Idade e Projeto TINA) têm realizado um excelente trabalho neste campo, colocando à disposição das pessoas atividades culturais, recreativas, científicas e de aprendizagem, com destaque para o uso das tecnologias através da oferta de formação ou workshops na área das TIC. Estas iniciativas têm habilitado os idosos na utilização das novas tecnologias permitindo-lhes estar mais atualizados, participativos e críticos na vida sociocomunitária, e o fortalecimento das suas

habilidades cognitivas, comunicativas e interativas. Estas últimas são determinantes para a manutenção dos laços familiares e afetivos, sobretudo nas comunidades rurais e do interior do território nacional, cujas famílias estão distantes.

Nesta linha de ideias, Patrício refere que “a aprendizagem entre gerações tem um potencial significativo na inclusão digital dos mais velhos” (2014: 84). Outros autores, destacam ainda a redução do fosso intergeracional e o reforço da literacia mediática, em ambas as gerações (Kolodinsky, Cranwell & Rowe, 2002). Também sobre este assunto Gonçalves e Patrício, no âmbito do Projeto TINA, confirmam que “as TIC podem ser elementos decisivos para aproximar gerações diferentes, promover o reforço dos laços familiares, a partilha de experiências entre gerações e combater o isolamento social dos idosos (Gonçalves & Patrício, 2010: 291).

Considerações finais

A sociedade contemporânea faz uso das redes digitais mediadas pelas TIC para ampliar as possibilidades de interação a nível global, mas é premente estabelecer interconexões de diferentes áreas e grupos geracionais a nível local para enfrentar os desafios do envelhecimento demográfico, especialmente nos meios rurais.

A temática das sociedades envelhecidas e das relações intergeracionais é pertinente dada a necessidade de os territórios multigeracionais desenvolverem competências sociais através de programas de educação intergeracional e de programas de educação para o envelhecimento, em todas as fases da vida (Palmeirão, 2007). É, portanto, primordial a criação e diversificação de programas adequados a diferentes gerações, orientados para a animação sociocultural e socioeducativa, que promovam a partilha intergeracional mútua e propiciem momentos de aprendizagem conjuntos incentivadores de novas perspetivas de bem-estar individual e coletivo para um bom envelhecer e satisfação com a vida.

É indiscutível que a educação intergeracional em contexto socioeducativo representa um valioso recurso, tanto para os idosos que precisam de competências digitais para uma participação social e inclusão digital (MATES, 2009; Gonçalves & Patrício, 2010), como para as gerações mais jovens, que necessitam de competências sociais e culturais (Jenkins et al., 2010). Trata-se, em suma, de valorizar a educação intergeracional, criar e manter contextos favoráveis e facilitadores do envelhecimento, das relações e da partilha de saberes, reforçando as oportunidades de participação na comunidade e o envolvimento em iniciativas intergeracionais.

Acreditamos que a educação intergeracional no contexto sociocultural com tecnologias digitais pode contribuir para um envelhecimento com sucesso e, por conseguinte, aumentar as competências digitais na população idosa e assegurar uma nova solidariedade entre gerações.

Bibliografia

- AGE (2012). *Manifesto for an Age-Friendly European Union by 2020*.
- Ala-Mutka, K., Malanowski, N., Punie, Y. & Cabrera, M. (2008). *Active Ageing and the Potential of ICT for Learning*.
- Batista, H. (2011). *A informática social- a inclusão na terceira idade*. Castelo Branco: IPCB.
- Boström, A. (2003). *Lifelong learning, intergenerational learning, and social capital: From theory to practice*. Stockholm: Institute of International Education, Stockholm University.
- Boström, A. (2014). Reflections on intergenerational policy in Europe: The past twenty years and looking into the future. *Journal of Intergenerational Relationships*, 12(4), 357-367.
- Brink, S. (2017). Learning in later years in the lifelong learning trajectory. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(1), 14-25.

Cabanillas, C. (2011). Intergenerational learning as an opportunity to generate new educational models. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(2), 229-231.

Comissão das Comunidades Europeias (2002). Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu - Resposta da Europa ao Envelhecimento da População Mundial Promover o Progresso Económico e Social num Mundo em Envelhecimento. Contribuição da Comissão Europeia para a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. Bruxelas, 18.3.2002 COM(2002) 143 final.

Comissão das Comunidades Europeias (2006). Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Jornal Oficial L 394 de 30.12.2006. (COM 2006/962/EC).

Comissão Europeia (2017a). Painel de Avaliação Digital 2017.

Comissão Europeia (2017b). Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité Das Regiões “Establishing a European Pillar of Social Rights”. Bruxelas, 26.4.2017 COM(2017) 250 final.

Comissão Europeia (2018a). Proposta de Recomendação do Conselho sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida. Bruxelas, 17.1.2018 COM(2018) 24 final.

Comissão Europeia (2018b). Anexo da Proposta de Recomendação do Conselho sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida. Bruxelas, 17.1.2018 COM(2018) 24 final.

European Commission (2012). ICT for Seniors' and Intergenerational Learning. Projects funded through the Lifelong Learning Programme from 2008 to 2011. Brussels: Education, Audiovisual & Culture Executive Agency.

EUROSTAT (2018). Digital economy and society. Acedido em 8/06/2018, em <http://ec.europa.eu/eurostat/web/digital-economy-and-society/data/database>

Fernandes, J. (2008). *Animação sociocultural com idosos*. In Rediteia, nº 41. 2008, 37-38.

Fernandes, M. (2005). Dar vida aos anos... envelhecendo - uma análise sócio-organizacional de um lar de idosos. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho, Braga.

Formosa, M., Krasovec, S., & Schmidt-Hertha, B. (2014). Conclusion: Policy futures in older adult education and intergenerational learning. In B. Schmidt-Hertha, S. Krasovec & M. Formosa (Eds.), *Learning across generations in Europe* (pp. 203-212). Rotterdam: Sense.

Fricke, A., Marley, M., Morton, A., & Thomé, J. (2013). The Mix@ges Experience: How to Promote Intergenerational Bonding through Creative Digital Media. Publication of the European Grundtvig multilateral project number: 518625-LLP-1-2011-1-DE-GRUNDTVIG-GMP.

Gil, H. (2015). Cidadania Digital 65+: Os cidadãos 65+ do concelho de Castelo Branco, as TIC, a e-Saúde e o e-Governo Local. Coimbra: Edições Minerva.

Gonçalves, V., & Patrício, R. (2010). TINA: um Projecto para Netos e Avós. In I Encontro Internacional TIC e Educação, pp. 287-291, Lisboa.

Hatton-Yeo, A., & Ohsako, T. (2000). *Intergenerational programmes: Public policy and research implications - An international perspective*. Hamburg, Germany: UNESCO Institute for Education and Beth Johnson Foundation.

Hoff, A. (2007) Intergenerational Learning as an Adaptation Strategy in Aging Knowledge Societies. In: European Commission (ed.) Education, Employment, Europe. Warsaw: European Union, pp.126-129.

Jenkins, H., Purushotma, R., Weigel, M., Clinton, K. & Robinson, A. (2010). *Culture*

Participative e Competenze Digitali. Milano: Guerini.

Kaplan, M. (2001). *School-based intergenerational programs*. Hamburg: UNESCO.

Kaplan, M., Sanchez, M., Shelton, C., & Bradley, L. (2013). *Using Technology to Connect Generations*. University Park, PA: Penn State University & Washington D.C.: Generations United.

Kim, Y. & Merriam, S. (2010). Situated Learning and Identity Development in a Korean Older Adults' Computer Classroom. *Adult Education Quarterly*, pp. 438-455.

Kolodinsky, J., Cranwell, M. & Rowe, E. (2002). Bridging the Generation Gap Across the Digital Divide: Teens Teaching Internet Skills to Senior Citizens. *Journal of Extension*, 40(3).

Lopes, M. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Editora Intervenção.

Lopes, M., & Pereira, D. (2009). *Animação sociocultural na terceira idade*. Porto: Livpsic

Mannion, G. (2012). Intergenerational education: The significance of reciprocity and place. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(4), 386-399.

MATES (2009). *Guia de Ideias para Planear e Implementar Projectos Intergeracionais*.

Neri, A. L. (2001). *Maturidade e Velhice: Trajectórias Individuais e Socioculturais*. São Paulo: Papirus.

O'Neill, P. (2016). Intergenerational gatherings among the water and willows. In M. Kaplan, L. Thang, M. Sánchez, & J. Hoffman (Eds.), *Intergenerational contact zones – A compendium of applications*. University Park, PA: Penn State Extension.

OECD (2015). *Competências para o progresso social: O poder das competências socioemocionais*, Madrid: Fundación Santillana.

Oliveira, J. (2008). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Livpsic.

Osório, R. (1997). *Animação sociocultural na terceira idade*. Capítulo 14. In Trilla, J. (1997), *Animação sociocultural. Teorias Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.

Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. Aprender na e com a vida as respostas da Pedagogia Social. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP, p. 125-134.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

Paschoal, S. M. P. (2000). Epidemiologia do Envelhecimento. Em M. Papaléo- Netto (Ed.), *Gerontologia e Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*. São Paulo: Atheneu.

Patrício, M. (2014). *Aprendizagem intergeracional com tecnologias de informação e comunicação*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

Quintas, S., & Castaño, A. (1998). *Construir la Animación Sociocultural*. Salamanca: Amarú Ediciones.

United Nations (2002). *Report of the Second World Assembly on Ageing*. New York: United Nations.

United Nations (2007). *Intergenerational Solidarity: Strengthening Economic and Social Ties – Recommendations*. New York: United Nations.

United Nations (2008). Report of the Conference, including the Ministerial Declaration and chairperson's summary of the Conference ECE/AC.30/2007/2. León, Spain: United Nations, Economic and Social Council & Economic Commission for Europe.

Watts, J. (2017). Multi or Intergenerational Learning? Exploring some meanings. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(1), 39-51.

Zimmerman, G. (2000). *Velhice, aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed Editora.